

o mal doador. Quanto a maiores doações para adesivos pode ser em função do valor do item não ser tão atrativo quanto os chocolates, e reter os chocolates pode ser uma forma dos benefícios superarem os custos.

Referências:

Alencar, A. I., Siqueira, J. O., & Yamamoto, M. E. (2008). Does group size matter? Cheating and cooperation in Brazilian school children. *Evolution and Human Behavior*, 29, 42-48.

Silva, P. R. R.; Boccardi, N.A. C.; Dutra, N. B.; Hattori, W. T.; Yamamoto, M. E. ; Alencar, A. I. (2016). Stickers versus wafers: The value of resource in a public goods game with children. *Estudos de Psicologia* (Natal. Online) ,21, 117-124, 2016.

Dutra, N. B.; Boccardi, N. C. ; Silva, P. R. R. ; Siqueira, J. O. ; Hattori, W. T. ; Yamamoto, M. E.; Alencar, A.I.(2018) . Adult criticism and vigilance diminish free riding by children in a social dilemma. *Journal of Experimental Child Psychology*, 167, 1-9.

* * *

Empatia e Moral: que relação na trança da evolução biológica e da evolução cultural?

Augusta Gaspar

Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Ciências Humanas, CRC-W

A empatia é um processo multidimensional com componentes emocionais básicos e automáticos e com componentes mais suscetíveis de ser afetados pela experiência. O conceito evoluiu ao longo das décadas, tendo começado por ser operacionalizado enquanto capacidade de, refletida e conscientemente, compreender as emoções dos outros. Essa capacidade é hoje conhecida como *empatia cognitiva*, e sabemos que não se torna evidente nas crianças antes de atingirem os 4-7 anos, quando as estruturas neuronais que permitem esses processos cognitivos estão minimamente desenvolvidas, e em que algumas crianças começam a executar com sucesso exercícios de *tomada de perspectiva do outro*.

Mas hoje é consensual o entendimento de que a empatia não se esgota nesta competência de compreensão da vida mental e afetiva do outro, graças ao acúmulo de evidência de que a componente emocional não só existe, como do ponto de vista ontogenético precede - e muito - o desenvolvimento da componente cognitiva. O estudo do comportamento de crianças com menos de 3 anos e o estudo do cérebro de bebês e crianças dos 0 aos 12 anos tem evidenciado a existência doutra dimensão da empatia que emerge muito mais cedo – a chamada *empatia emocional*, que inclui uma *componente de contágio emocional* e outra de *preocupação empática*. O *contágio emocional* observa-se logo nos bebês – quem não reparou que quando num berçário ou numa creche um bebê chora, todos os outros o fazem; e que tantos anos mais tarde, quando um ou poucos adultos entram em pânico, toda uma multidão se contagia com esta emoção; ou quando num grupo alguém ri às gargalhadas,

todos se contagiam num grupo que partilha risadas genuínas, mesmo quando nem todos perceberam a piada. A *preocupação empática* é uma manifestação importante da empatia emocional, o sermos verdadeiramente afetados pelas emoções dos outros, o que não implica que partilhemos a mesma emoção como no contágio emocional. É a componente geradora de motivação para ajudar e particularmente sólida no que toca à resposta ao sofrimento físico ou à angústia do outro, sendo bem conhecidos os seus correlatos neurofisiológicos. Hoje sabemos que pode surgir muito cedo - é quando uma criança de 2 ou 3 anos mostra perturbação emocional com o sofrimento de alguém - outra criança, um adulto, a própria mãe; com alguma frequência as crianças desta idade vão em "socorro" desta pessoa oferecendo-lhe o consolo que sabem dar e conhecem - um toque, um abraço, o seu urso de pelúcia, o seu pequeno cobertor de conforto. Falta-lhes ainda a tomada de perspetiva - a empatia cognitiva - que se desenvolve mais lentamente - e que permite perceber o que realmente faz falta àquela pessoa para suprimir a sua dor. Mas, o pilar da empatia está lá, o ser afetado pelo que se passa com o outro, o elo emocional, a motivação para ajudar.

Os componentes cognitivos e emocionais interagem entre si, afetando-se e afetando quer a resposta emocional de empatia quer a vertente cognitiva, quer as consequências comportamentais e interpessoais da empatia.

A empatia pode ser entendida não só como experiência emocional e cognitiva, mas também como traço, ou seja, como a predisposição para essa experiência. O traço empático tem sido objeto de diversos estudos, com resultados interessantes: por exemplo, em regra, as raparigas apresentam esta tendência com maior prevalência, precocidade e maior intensidade (e.g. Decety & Michalska, 2010); os gêmeos monozigóticos (ou gêmeos verdadeiros) apresentam este traço de forma mais previsível que os falsos gêmeos (Knafo et al, 2008), o que evidencia o papel dos genes nesta predisposição.

Reuniu-se adicionalmente e em paralelo aos estudos da Psicologia - em paralelo porque são estudos da Antropologia, das neurociências e da Zoologia - ampla documentação de que a empatia tem uma filogenia e que se manifesta numa vasta diversidade de mamíferos, havendo em muitos destes correlatos neuronais homólogos ao substrato neurológico da empatia humana.

E é dum ramo interdisciplinar da Antropologia biológica, a Primatologia, que surgem alguns dos importantes insights que conduzem à elaboração dum modelo explicativo da evolução da empatia (Preston & de Waal, 2002), e que é efetivamente um bom agregador dos dispersos relatos anedóticos de conduta altruísta em primatas e em outros mamíferos, ao mesmo tempo que explica as diferenças entre sexos nos humanos na experiência e redes neuronais da empatia, constituindo um bom preditor do comportamento humano. É um modelo sustentado no valor seletivo da empatia e das mães estarem "hardwired" para a resposta empática. Incidentalmente, toda a sociedade beneficia deste programa motivacional que se terá gerado para benefício da frágil cria humana (de Waal, 2008). De forma mais proativa as sociedades premeiam condutas prosociais, que muitas vezes têm a sua génese na empatia (Gaspar, 2016).

Recentemente surgiu, dentro da Psicologia (Bloom, 2016) e da Filosofia (Prinz, 2011), um manifesto contra a empatia, que sublinha alguns importantes vieses da resposta empática e que nem sempre conduzem a uma prosocialidade ideal. Deles falaremos também,

procurando ainda assim explicar porque é que apesar das suas imperfeições a resposta empática permanece essencial para a conduta moral, para a cooperação em sociedade, e para o bem-estar e saúde mental individuais, em última instância, para a nossa sobrevivência.

Referências:

- Bloom, P. (2016). *Against Empathy: The Case for Rational Compassion*. HarperCollins.
- Decety, J. & Michalska, K.J. (2010). Neurodevelopmental changes in the circuits underlying empathy and sympathy from childhood to adulthood. *Developmental Science*, 13, 886–899. <https://doi.org/10.1037/a0014179>
- de Waal, F. B. M. (2008). Putting the Altruism back to Altruism: The Evolution of Empathy. *Annual Review of Psychology*, 59, 279–300. <https://doi.org/10.1146/annurev.psych.59.103006.093625>
- Gaspar, A. (2016). Morality and Empathy vs Empathy and Morality: a quest for the source of goodness. in phylogenetic and ontogenetic contexts. In S. Silva (Ed.) *Morality and Emotion: (Un)conscious Journey to Being* (pp. 62-82). Cognition Series. Routledge
- Knafo, A., Zahn-Waxler C., Van Hulle, C., Robinson, J.L., & Rhee, S.H. (2008). The developmental origins of a disposition toward empathy: genetic and environmental contributions. *Emotion*, 8, 737-752 <http://dx.doi.org/doi:10.1037/a0014179>
- Preston, S. D. and de Waal, F. B. M., (2002). Empathy: It's the Ultimate and Proximate Bases. *Behavioral and Brain Sciences*, 25, 1–20. <https://doi.org/10.1017/S0140525X02000018>
- Prinz, J. (2011). Against Empathy. *The Southern Journal of Philosophy*, 49, 214-233 <https://doi.org/10.1111/j.2041-6962.2011.00069.x>

* * *

Consequências de uma Teoria Radical da Continuidade

David Geraldes Santos

PRAXIS - Centro de Filosofia, Política e Cultura
Universidade de Beira Interior

Um dos principais pilares da nossa civilização assenta numa certa e às vezes pouco definida teoria da descontinuidade entre os animais humanos e os animais não-humanos; de um ponto de vista filosófico, esta questão é pelo menos reconduzível a Aristóteles na Política e à sua certeza quanto à peculiaridade do Homem: o Homem é um ser vivo peculiar porque, segundo o estagirita, entre outras coisas, consegue dizer o que é justo e o que é injusto, ou seja, o que é útil e o que é prejudicial, enquanto aos animais (e só alguns) apenas lhes é reconhecida - quanto muito - a capacidade de exprimir a dor através da voz. Nesta conferência, pretendemos explorar que consequências teria uma interpretação contínua do